

A escola dos poetas vivos

Educação

GODOFREDO PINTO

Talvez os psicólogos possam explicar melhor o sentido mais profundo dessa onipotência que as pessoas têm quando julgam que estão imunes à tragédia. Até que aconteça a primeira vez. E aí, sabe-se lá a quantas dores, é rompida essa presunção descabida e irreal.

Com o filme "Sociedade dos poetas mortos" foi assim. As emoções afloraram, sem dúvida. Com os amigos foi conversa atrás de conversa, seja discutindo os limites e possibilidades da escola ou o nosso próprio papel de educadores e nossa esperança — já meio combatida para alguns — de provocar o afloramento dos poetas-cidadãos adormecidos em cada um de nossos alunos. Isto, numa sociedade em que mais vale o pássaro na mão do aprendizado da submissão e da ordem do que os outros dois que podem voar rumo ao novo e à humanização.

Mas, sendo filme, ainda era tragédia alheia. Estávamos a salvo.

O sofrer na própria pele veio com a morte do menino Netinho, este, cujo suicídio-denúncia joga por terra toda a nossa onipotência...

Não há que se admitir que, como de praxe, o caso caia no esquecimento, quando superada a emoção diante do fato. O que esta tragédia suscita e que é preciso discutir é o caráter repressor da escola, vendo esta instituição em seu sentido mais amplo e global. Afinal, a carta-testamento do menino, entre gibis e brinquedos que distribui entre um e outro amigo, deixamos, a nós, que nos pretendemos educadores, mesmo que em suas entrelinhas, esta intransferível tarefa...

Será a nossa escola um instrumento de libertação ou de sufocamento da verdadeira vocação libertária do ser humano?

Seremos cúmplices?

Qual o papel daquela professora sorridente e que já desde a pré-escola induz a

que todos realizem a mesma atividade, na mesma hora, durante o mesmo tempo? E que "carinhosamente" insiste para que aquele aluno que desenha abandone esta sua atividade para se reunir à turma em sua tarefa comum?

O que pode significar a aplicação de um teste de Matemática cujos resultados são apenas lidos na aula seguinte sem que isto signifique uma nova oportunidade para a aprendizagem dos alunos?

O que dizer de um professor que desconsidera a realidade objetiva de seus alunos e apresenta-lhes conteúdos abstratos, descolados do mundo em que os mesmos são utilizados, à espera de que sejam memorizados e repetidos nas provas?

E o que dizer da criança das camadas populares, incapaz de poder extravasar no espaço escolar os valores e linguagem de seu próprio meio, sob o risco de ser discriminada por ferir a norma culta da linguagem e os valores incorporados pelo senso comum como corretos e dignos de louvor?

Além destas, inúmeras outras situações poderiam ser lembradas daquilo que já pude presenciar em nossas escolas, em suas salas de aula, em seu pátios, não tão raramente fechados por grades...

Por que tudo isto?

A escola não é uma instituição isolada do seu contexto. Dentro dela e em suas rotinas, o que se vê, mesmo de forma não absoluta, é a reprodução da sociedade que a contém. E fiel à marca da desigualdade que caracteriza a sociedade brasileira, o mais comum na escola é que se aprenda a ser "submisso para cima e autoritário para baixo". Ao aluno, a quem caberia o seu próprio aprimoramento enquanto ser humano que se constrói cidadão, muitas vezes, sob os efeitos da ação da instituição escolar e de seus agentes, resta o desencontro consigo próprio, a dubiedade, a descrença em sua própria condição de

ser histórico, a revolta — e mesmo a morte — como dolorosamente estamos a assistir.

O alento que nos empurra para a frente é ver que a escola não é apenas um aparelho de reprodução, mesmo que simbólica, das mazelas da sociedade individualista e autoritária que nos cerca.

É esta mesma escola que convive com educadores, que remando contra a maré da omissão do Poder Público, a cada dia tentam, recriam sua própria prática pedagógica, ouvem, questionam, solidarizam-se.

Histórias de resistência, também as tenho para contar. E muitas! Elas vão desde a professora que tanto alfabetiza os seus alunos de uma escola pública de periferia como aqueles outros, estes de "classe média alta" de uma escola da Zona Sul; comprometendo-se com a aprendizagem de todos, indistintamente; até aqueles que, sem nunca terem cedido às propostas de "minimizar o currículo, adequando-o às realidades locais", partem do que é próximo ao aluno, levando-lhe, em seguida, o conhecimento do que é mais geral, pois não como se "dar menos a quem tem menos", sob o risco de se ser profundamente antidemocrático. E por aí vai...

É no espaço dessa contradição, onde o novo e o velho estão lado a lado, que nos cabe interferir. Mesmo que não sejamos a maioria, não há por que desistir ou arrefecer a luta pela construção da escola que sonhamos e nela, de pessoas que possam livremente sonhar. A História está do nosso lado. Ela é a parceira certa para este momento nacional em que parece reacender com vigor o autoritarismo e o culto ao personalismo.

Que saibamos construir a História! Em nome da esperança! Em defesa da vida! Quem sabe, em busca da sociedade dos poetas — todos — vivos?

Godofredo Pinto é Deputado estadual pelo PT.